REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de portes, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:018

10 DE ABRIL DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 6

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. RIBERA Y ROVIRA

Chronica Occidental

Reuniões, comicios, telegrammas, boatos contradictorios, muita prosa e nem sempre da melhor, já alguns bocadinhos de tragedia... a parede dos estudantes, chrismada agora em *grève*, e não deixando o gallicismo de ter a sua significação, d'outro assumpto não se falou durante dias, d'outro assumpto, até que este se resolva, não se falará tão cedo.

Creio até que pouco mais haveria no decorrer d'este principio de mez e que atrapalhado me hei de ver para respigar em qualquer cantinho de jornal outra qualquer novidade.

Principiou a exaltação dos animos, comos todos sabem, quando da reprovação que soffreu no seu exame de licenciado o sr. José Eugenio Ferreira, que, tendo obtido as sympathias dos estudantes, não conseguiu conquistar as dos seus examinadores. D'ahi, apupos aos lentes, grande excitação em Coimbra, processos academicos, Universidade fechada por uns tempos, condemnação de varios alumnos.

Fosse qual fosse a razão do proceder dos primeiros revoltados — pois que muitas são as opiniões a este respeito; combinação em sociedade maçonica, alvorada d'um movimento republicano, explosão d'um sentimento de justiça — o caso é que todas, ou quasi todas, as escolas do paiz se mostram solidarias com os primeiros auctores do protesto, condemnados agora a mais ou menos duradouras penas d'exclusão.

A' hora a que escrevo estas linhas — meio dia de terça feira — factos importantes se devem estar passando, quer em Coimbra, quer em Lisboa e no Porto.

O que hontem succedeu na Escola Polytechnica, onde uma força de policia empregou os sabres contra os rapazes, parece-me que deve ter atrazado bastante o momento da conciliação, que todos, até os menos interessados no assumpto, com certeza desejavam o mais breve possivel. Se em Coimbra passaram as primeiras horas de *grève* sem incidentes lamentaveis, nem por isso ha que fiar no dia de hoje ou n'estes que se seguirem.

A certas reclamações feitas contra a Universidade e seus estatutos não pode negar-se muita razão de ser. Bastará para isso consultar muitos bachareis que a maior fraqueza de saber confessam ao terminar seus estudos. Claro é no entanto, não ser agora occasião de obter-se a necessaria reforma exigida, nem serem de util effeito os meios de que se lança mão.

Diz-se que, logo nos primeiros dias de *grève*, algumas centenas de estudantes, menos discretos no gastar das faltas, se viram com o anno perdido.

E' certo que todos esses irão augmentar o numero dos protestantes e, mais tarde, alguns contarão com desvanecimento como foi que, por uma idéa ou sentimento, que lhes ficava muito bem, sacrificaram um anno da sua carreira. Mas é aqui tambem que deve ficar archivado o serem alguns expulsos de Coimbra dos mais considerados de seus cursos.

Complicou-se o caso, quando muitos o não esperavam. O sr. Dr. Bernardino Machado, falando em Lisboa n'uma assembléa politica, manifestou suas sympathias pelo actual movimento.

O officio que lhe foi enviado pelo reitor e a resposta do lente, que é dos mais estimados e respeitados em Coimbra, fizeram que, por momentos, os proprios estudantes esquecessem, collocada mais alta a questão.

Nas camaras, como não podia deixar de ser, tem sido o assumpto tratado antes da ordem do dia; mas as respostas dos ministros não são muito animadoras para os que desejam uma rapida solução ao intrincadissimo problema.

Veremos o que dá o tempo e se nos trará com seu rodar certa tranquilidade aos espiritos.

Os paes são talvez os que mais soffrem n'estas occasiões. Entretanto alguns já houve que mais pareceram amigos do diabo, e que, tanto em Lisboa como em Coimbra, julgando cumprir um alto dever, iam sendo motivo de maior desordem. Outros pelo contrario, embora lamentando verem inutilisados sacrificios feitos, não só não contrariam os filhos, mas incitam-os á solidariedade com seus companheiros.

É de esperar que, sem desdouro para ninguem, a solução se encontre que ponha termo a um estado de coisas desagradavel e perigoso. Muitos jornaes teem referido antigos casos complicados da vida academica em Coimbra, e, ainda ha poucos dias, encontrámos na correspondencia de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, colhida no ultimo fasciculo da continuação da *Historia de Portugal* pelo sr. Marques Gomes, a historia de duas revoltas na Universidade, uma contra a rispidez do reitor, dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, depois visconde de S. Jeronymo, e outra por não haver sido concedido perdão d'acto aos estudantes, quando do nascimento do principe, sr. D. Carlos, actual rei de Portugal. Manifestou-se a primeira revolta na sala dos capellos, por occasião da distribuição dos premios, havendo gritos contra o reitor; na segunda houve conflictos com a tropa, foi queimado entre gritos sediciosos um manequim figurando o Duque de Loulé então presidente do conselho, e, como a tropa não retirava de Coimbra, deixaram os academicos a cidade. Pois, nem d'uma nem d'outra vez, houve castigo para os rapazes, apesar

da instauração de varios processos. Um decreto posterior aboliu todas as penalidades.

Os velhos estudantes não é sem uma certa dôr d'alma que hão de ter lido projectos de acabar de vez com a universidade de Coimbra. São decerto exaggeros de momento. Nem o exigia a creação de faculdades de direito em Lisboa e Porto. A velha terra tão cheia de tradições, pareceria um espectro, com a sua legendaria torre, habitação da cabra, erguendo se lá no alto por cima do edificio da Universidade. E quanta agrura de saudade nas almas que teem memoria!

Os tempos de Coimbra foram felizes para todos os que lá andaram. Esses mesmos que hoje se revoltam contra velharias, hão de recordar saudosos e de contar desvanecidos, os casos em que se acharam envolvidos agora, por muito máos momentos que lhes tragam de afflicções e duvidas.

No passado domingo reuniram-se em Campolide os antigos alumnos do collegio. Para muitos ainda o sonho da mocidade continua; mas alguns lá vimos com mais de sessenta annos, de barba e cabellos brancos, e n'esses havia ainda de ser maior a saudade e de erguer-se-lhes mais luminoso o passado, contraste com a penumbra em que já vão caminhando. E foi, no entanto, uma festa muito alegre para todos.

Á mesma mesa, de pouco mais ou menos quatrocentos talheres, os velhos abancaram com os alumnos de agora. Era lá no extremo uma chilreada; como havia, cá do outro lado, de haver tristeza? Pensou se muito em saudades decerto, mas falou-se sobretudo de esperança.

N'este ultimo cantinho de chronica tratemos rapidamente de qualquer outro assumpto. A palavra com que terminámos o ultimo paragrapho diz o que devemos alimentar no coração com referencia áquelles de que tratámos.

Realisou-se no Porto o quarto congresso nacional contra a tuberculose, no qual tomaram parte muitas das notabilidades medicas portuguezas, o que assegura o seu bom resultado.

Lisboa pouco deu que falar estes dias. Terminaram no theatro D. Amelia as representações de Tina di Lorenzo que fechou os seus espectaculos com uma maravilhosa execução da *Locandiera* de Goldoni. Que pena ter se banalisado até ao absurdo e ao asco a expressão *chave d'oiro!* Dias depois, era Kubelick quem enthusiasmava o publico do mesmo theatro. Agradou muito no Principe Real a revista *O' da guarda!*

E nada mais.

Queira Deus que na proxima chronica eu tenha que falar menos dos estudantes e muito mais de coisas alegres.

João da Camara.

DR. RIBERA Y ROVIRA

Quando Portugal perdia os dois gloriosos lusophilos dr. Wilhelm Storck e Henri Faure, surge inspirado pelo mesmo amor encetando esse apostolado na Catalunha o joven professor dr. Ribera y Rovira, que ha pouco visitou Lisboa, onde fez algumas notaveis conferencias literarias, historicas e economicas.

Consagrando-lhe o Occidente a homenagem de fixar o seu retrato n'esta galeria, é com satisfação que comprazemos ao pedido de acompanhal o com alguns traços biographicos d'esta sympathica individualidade. Nasceu o dr. Ignacio Ribera y Rovira na povoação de Santa Maria de Castell-bell, logar pitoresco proximo do celebrado Montserrat, em 23 de abril de 1881; é bacharel em direito e acha-se na pujança e enthusiasmo dos seus vinte e seis annos. O seu aprendizado litterario começou por um drama em verso, em trez actos *Sens Rey ni 's regna*, que chegou a ser representado em Barcelona, mão grado os seus dezeseis annos. Ficou inedito este primeiro ensaio, nem o seu auctor conta arrancal-o do limbo dos primores tentâmes.

Na vida jornalistica entrou tambem muito cedo para fixar o estylo vivo e facil e para interessar-se na critica das questões e interesses contemporanea.

Escreveu e ainda escreve numerosas chronicas na *La Renaixensa* e seguidamente na *La Veu de Catalunya*, em que encetou os seus estudos sobre Portugal. Como lhe nasceu na sua vida mental esta paixão pela lusophilia? Por uma circumstancia natural; o dr. Rovira residiu alguns annos em Thomar, conheceu de perto as feições inconfundiveis da alma portugueza, nos seus typos, costumes e genio esthetico. Em Thomar publicou em lingua catalã um livro de versos *Mos tres amors*, e no jornal *A Verdade* começou a publicação de uma serie de artigos intitulados *Ligeiro estudo de Litteratura e das Artes portuguezas contemporaneas.*

Ao mesmo tempo tratava assumptos lusophilos no *Diario Universal* de Madrid.

Desde que o dr. Rovira regressou á Catalunha, onde completou os seus cursos juridicos e se dedicou á advocacia, mais recrudeceu a sua paixão pelas manifestações do genio portuguez; no Atheneu de Barcelona realisou uma serie de oito conferencias, dando a conhecer com a maior amplitude o movimento intellectual portuguez. Depois das conferencias, publicou, no decurso de 1904 a 1907, os seguintes trabalhos: *Castilho e Garrett, Uma polemica e um discurso*, que merece a especial menção de ser o primeiro escripto em portuguez que se publicou em Barcelona; *Portugal Artistico*, estudo sobre Arte portugueza, e recentemente *Poesia e Prosa*, com illustrações de musica popular portugueza.

Pela sua cultura musical, tambem o dr. Rovira promoveu em Barcelona concertos de Musica portugueza, patenteando a nossa tonalidade lusitana, obtendo por este motivo exitos memoraveis. Servindo este ideal, em quasi todos os jornaes da Catalunha andam publicados artigos seus sobre cousas portuguezas, que muito e sempre nos honram.

A sua iniciativa foi ainda mais longe, conseguindo pelos seus continuados esforços que em Barcelona se creassem as cadeiras de *Lingua, Historia e Litteratura portugueza*, as primeiras que se fundaram em Hespanha, e cuja regencia lhe foi condignamente confiada, constituindo uma obra benemerita dos *Estudos universitarios catalães.*

O conhecimento da vida portugueza levou o seu genio observador a achar as relações moraes e sociaes com a vida industrial e autonomia da Catalunha; d'ahi a revelação dos tres typos ethnicos inconfundiveis de Portugal, Castella e Catalunha, e a concepção definitiva do problema politico do Federalismo peninsular. Este problema fundamental para o futuro da Civilisação hispanica, que Henrique Nogueira propoz genialmente, e que Pi y Margall demonstrou historicamente, apparece formulado na sua expressão definitiva no livro, que tem a sair do prelo *O Iberismo*, no qual em um pequeno prologo synthetisa a rasão ethnica e historica d'estas tres inextinguiveis autonomias nacionaes.

Tem actualmente no prélo um livro das impressões das suas Viagens em Portugal com o titulo pittoresco mas verdadeiro *No Paiz dos laranjaes*, e um outro de ensaios criticos *Portugal litterario*, conjunctamente com uma collecção de Sonetos portuguezes traduzidos em catalão sob o titulo de *Solitarias*, e com um prologo pelo Conde de Arnoso.

Na sua recente vinda a Portugal, foi o principal empenho do dr. Ribera y Rovira alcançar a participação de Portugal na Exposição artistica da Catalunha. As suas conferencias com um caracter economico, financeiro, artistico e de confraternidade social, despertaram malsinações em alguns jornaes de Madrid e de Barcelona, preoccupados com o pezadelo de regionalismo. Para evitar qualquer acto de meticulosidade diplomatica, teve o dr. Rovira de ir conferenciar com o ministro dos negocios estrangeiros, sobre o sentido das suas Conferencias em Lisboa, garantindo: «se n'alguns pontos abordaram a qûestão politica, foi n'um ponto de vista philosophico, no terreno exclusivo da ideia — criticando os systemas unionistas e federalistas que se têm appresentado tentando resolver o problema iberico. No ponto de vista economico, onde mais se espraiou por ser o campo pratico considerara Portugal como productor agricola, e a Hespanha, principalmente a Catalunha, como paiz industrial. Alvitrou por exemplo o estabelecer-se em Lisboa um centro importador de artigos manufacturados na Catalunha, e em Barcelona um centro importador dos productos coloniaes portuguezes, para serem irradiados de Barcelona para todo o resto da Hespanha, o que seria facilitado por meio de tratados commerciaes. — No ponto de vista da fraternidade literaria, um Comité Catalanophilo em Lisboa, tal como o Comité Lusophilo que existe em Barcelona, onde se acham representadas todas as tendencias litterarias de Portugal.

Para satisfazer um convite da Associação dos Jornalistas de Lisboa, conta o dr. Rovira trazer a esta capital o *Grande Orpheon Catalão.*

O seu enthusiasmo fortalecido pela vigorosa mocidade, fazem-nos confiar nos resultados fecundos da sua lusophilia.

Theophilo Braga.

Conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa

Tem hoje O Occidente agradavel ensejo de inserir o retrato do sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, um dos antigos assignantes d'esta revista, e cuja biographia foi ultimamente publicada no diccionario *Portugal*, vol. III, pag. 427.

Congratulando-nos com a homenagem prestada, completal-a-hemos com o respectivo retrato.

O sr. conselheiro Ferreira da Cunha governador civil aposentado, e socio honorario da Real Associação da Agricultura Portugueza, nasceu em Ilhavo, a 5 de abril de 1813. Depois dos estudos das primeiras letras e de latim, passou para Aveiro, onde ficou em companhia de seu avô, o capitão mór Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa.

N'essa cidade proseguiu no estudo de humanidades, voltando já homem para a sua terra natal, onde exerceu varios cargos administrativos e judiciaes, sendo advogado de provisão. Tencionava matricular-se no 1.º anno juridico da Universidade de Coimbra em outubro de 1829, mas os successos politicos d'essa epoca mallograram-lhe o intento.

Como todos os individuos do seu tempo, soffreu as vicissitudes da agitação politica do seculo passado, vendo seu pae preso durante annos nas cadeias do Sardão e Sever do Vouga.

Em 11 de abril de 1840 foi nomeado 1.º official do governo civil de Aveiro, e em 1858 promovido a secretario geral, logares em que prestou relevantes serviços, pelo que foi condecorado em 14 de junho de 1845 com o habito de Christo. Em 1865 foi transferido por vinganças politicas para o districto de Faro, mas o mesmo ministro que o transferira o promoveu a governador civil de Vizeu, em 4 de junho de 1868. D'esta capital de districto passou successivamente para Leiria, Coimbra, e Santarem, e aqui se conservou muitos annos. Em todos estes districtos deixou assignalada a sua passagem pelo zelo e competencia que demonstrou. Da sua folha de serviços constam as seguintes honras: Commendador de Christo em 14 de janeiro de 1867, conselheiro de S. M. em 17 de setembro de 1871, etc.

Em Santarem prestou serviços dignos de mais especial menção, creando, por alvará de 16 de fevereiro de 1876, o museu districtal e o corpo de policia. Por occasião das terriveis cheias do Ribatejo, egualmente prestou relevantes serviços, referidos por Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno*, como tambem o sr. Zephyrino Brandão no seu livro *Monumentos e lendas de Santarem* descreve o museu e dispensa justos encomios ao venerando magistrado. Estando á testa d'esse districto, quando morreu Alexandre Herculano, dispensou ao grande historiador os maiores cuidados, durante a sua doença.

Em 1876, cançado de trabalhos, pediu a aposentação, recolhendo á sua casa de Aveiro, e n'esta cidade tem exercido os cargos mais honrosos, substituindo o juiz de Direito, sendo provedor da Misericordia, presidente da Caixa Economica, etc.

A sua prolongada vida tem decorrido no meio das maiores provas de estima e consideração dos seus concidadãos.

Pelas nossas provincias e ilhas

(Recordações)

I

VIZEU

(Notas de ha 15 annos)

«Vetusta e tristonha»: assim caracterisa o sr. Thomar Ribeiro a capital da Beira Alta, no esboço biografico do dr. Silva Gaio, que antecede o romance *Mario*, d'aquelle seu falecido amigo de infancia.

Não nos acompanha a mesma impressão dos quatro mezes que lá passámos.

Inclinamo-nos a julgar que o illustre biografo quando a apodou de «tristonha», estava vendo, cerrados os olhos, n'uma irradiação instrospectiva, o quadro de Vizeu, «uma terra que é quasi a minha patria» (reclama elle), nos dias invernosos da sua mocidade, quando a exhuberancia da sua vitalidade de beirão e a florescencia da sua imagi-

nação de poeta, eram comprimidas e asfixiadas pelos nevoeiros sombrios que descendo das neves da Estrella e do Caramullo, ensombram o imenso e magestoso valle que se abre entre as duas serras e amesquinham os largos horisontes da cidade; quando, toldado o poderoso e fecundante sol, elle não illumina, nem afaga, nem aquece os campos; quando o esqueleto das arvores desfolhadas, estendendo os braços nús por entre a nebrina, dá á paizagem o aspecto desolado e o tom gélido; quando as chuvas successivas e impertinentes, enlameando os caminhos, encerram o viziense na «vetusta cidade», n'aquella pinha de casas, que é emfim o seu querido ninho onde estão os seus paes, as suas amadas e os seus filhos.

Nós porém tivemos por felicidade o contraste de tudo isto: foi nos mezes em que a natureza transborda de vida e invade de luz e alegria, campos e cidades.

Vizeu está edificada nas vertentes d'um monte á similhança do primitivo burgo portuense. Coroando a eminencia lá está tambem o granito escuro da cathedral e do antigo paço do bispo, parecendo bradar-nos ainda como na religiosa edade media: — Estes que me rodeiam e vivem á minha sombra, são os filhos espirituaes d'esta egreja, as ovelhas d'este redil; em nome de Deus os guardamos e contra a sua vontade omnipotente não prevalecerá o poder dos homens.

A cidade antiga, a que está aglomerada a dentro das muralhas de D. Affonso V, de que restam ainda duas portas ogivaes curiosissimas, uma d'ellas — Arco dos Cavalleiros — tendo superiormente erecto no passadiço que corre sobre ella, um baldaquino acobertando a Senhora da Conceição, e ao rés do chão, vasada na parede do lado esquerdo uma reintrancia em arco, onde se vê estabelecido o banco do ferrador da entrada do povoado, tudo puro seculo XV como vêem, tem um ar medieval: praças acanhadas e irregulares, ruas estreitas e tortuosas, sombrias e emaranhadas, casas no antigo estilo urbano portuguez, de largos balcões e algumas com janellas geminadas, de elegantissima columna no meio.

A parte nova, porém, (Rua Formosa, Rocio, Rua Serpa Pinto, Avenida Navarro, etc.) é desafogada e clara; e no seu conjuncto toda a cidade é movimentada, quer pela numerosa população propria, quer pela das amiudadas freguezias, aldeias, logares e casaes que salpicam a região em volta.

Sabendo-se que as lavradeiras e tricanas da cidade e suburbios, aquellas attrahentes cachopas d'uma carnação farta e sadia, são naturalmente alegres, cantadeiras e expansivas, como ainda assim os homens, embora menos, o leitor que não visitou ainda a capital da Beira Alta, tenho para mim que andará avisadamente em reservar o seu juizo para a impressão pessoal.

Nem podia ser-se concentrado e sorumbatico em natureza tão aberta e viva, tão pujante e pittoresca. O arvoredo n'aquelle solo abençoado atinge proporções formidaveis: castanheiros e sobreiros, freixos e carvalhos seculares, encontram-se frequentemente; as aldeias, na sua maioria, teem junto um souto de castanheiros que lhes serve de logradoiro publico; a poucos passos da cidade, a alea d'arvores tricentenarias da avenida de Fontello (actual residencia episcopal) impõe-se-nos; e as matas de Fontello, de S. Miguel do Fetal e do extincto convento de Maçorim (quartel do 14), todas tres adjacentes á cidade, são pela sua frondosidade, sombra e frescura do verão, preciosidades naturaes creadas em annos e annos successivos e por isso do mais alto valor estimativo.

Não haverá entre aquellas gentes a religião das grandes arvores, como nos povos do norte da Europa, mas ha com certeza o respeito pela arvore.

Cêrca d'uma legoa em torno da cidade o solo é agricultado, e o valle do Pavia está aproveitado em cultura horticola que abastece o mercado. A razão da feracidade deste terreno está na camada d'agua do sub-solo, em parte aguas pluviaes represadas pelo granito. Em todas as quintas e hortas os poços, com os seus engenhos, estão distribuidos de modo a irrigar a terra, quando a sêcca o exige, levando-lhe com a agua, a vida.

Lá no largo, em grande circuito, cerra-se o verde bronze dos pinhaes.

É nos suburbios da cidade que se encontra a Cava de Viriato, «a mais formosa perola da nossa Beira» dil-o orgulhosamente o beirão cantor do *D. Jayme*; monumento unico no seu genero em Portugal, assevera-se, visto que não ha noticia d'outro assignalado como tal.

Está situada n'um campo plano a noroeste da cidade, e a curta distancia da base do monte onde esta se ergue, metendo-se de permeio o rio Pavia e o Campo da Feira (ou de Viriato, conforme a denominação municipal). Fica dentro do angulo formado pelas estradas que da cidade conduzem a Abraveses e S. Thiago, aldeias a 2 ou 3 kilometros de distancia.

A Cava é um campo entricheirado (fortaleza, no dizer antigo), que occupa proximamente toda a vasta planicie onde está. Esta chã, circumdada de fortes muros de terra calcada, compacta e resistente, poderia na antiguidade prestar acampamento a mil homens com os seus petrechos de guerra, se esse fosse o seu destino. O contorno da obra é á simples vista, salientemente, um poligono octogonal irregular.

As duas faces que se juntam, frente ao campo da feira, foram truncadas na crista e cerceadas a meia altura no talude exterior, para darem logar a um passeio publico em duas ruas de nivel differente.

A face que defronta com a cidade, e é um dos lados do campo da feira, está pitorescamente ensombrada de arvores frondosissimas e perennemente verdejantes, quer nos terreiros, quer nos taludes: as mais antigas foram dispostas pelos officiaes do antigo regimento 17 de infanteria, de quartel então no abarracamento que corre em parte parallelo e mascarando este lance arborisado da Cava, e vira depois em angulo na direcção do Pavia. Parte d'este abarracamento é hoje quartel do destacamento de cavallaria. Os tres platanos gigantes que sobrelevam a toda a ramaria foram plantados pelo general inglez Andersen no tempo da guerra peninsular. Os caramanchões e macissos de arbustos e flores que os officiaes lá tinham, desappareceram com a transferencia do regimento para o convento de Santo Antonio de Maçorim, pela extincção das ordens religiosas.

É o passeio mais desafogado e fresco que tem Vizeu; todavia é pouco frequentado em rasão da distancia e de obrigar á subida na volta á cidade.

HENRIQUE DAS NEVES.

O ALCOOLISMO

> «L'eau est la boisson que la nature a donné à toutes les nations, elle l'a faite agréable pour tous les palais, et lui a donné la vertu de dissoudre tous les aliments...
>
> En comparant ses effets à ceux du vin, la comparaison est toute en faveur de l'eau...
>
> Le vin agit comme un stimulant, il irrite les fibres et augmente le mouvement, effet qui, souvent répeté, abrège nécessairement la vie....»
>
> TISSOT — *De la Santé des Gens de Lettres.*

Fôra mistér gravar a fogo no cerebro das multidões, as palavras transcritas, para assim provêr de municiamento contra a sedução das bebidas alcoolicas a tantas pessoas que élas perdem ou inutilisam.

Na febre de conquistas da atualidade, no progresso homerico destes nossos dias em que já quasi não existe o impossivel, avulta uma sombra pavorosa de indigna pusilanimidade! «Mas o alcoolismo incrustou-se na civilisação, sustentou com acêrto em 1906, Cesario Tavares, no volume *Ideias e Sentimentos*, armou arraiaes ruidosos no seio das gentes mais cultas, das que ponderadas leis disciplinaram. A inteligencia apura-se, a moral eleva-se, as ideias fecundam e alteiam-se, o mundo marcha, mas o alcoolismo põe no meio de tanta luz manchas tenebrosas, dá por contraste irritante a tanta positiva grandeza as notas duras, sinistras, dum sabbath de degradação.»

Não se está vendo que a falta de execução do conselho do grande Tissot, medico do seculo XVIII, tem determinado e promete continuar a determinar um estado de coisas, que a illustrada penna do professor de instrução primaria Cesario Tavares, definiu com tanta propriedade?

Ninguem condêna o uso do vinho e até o emprego do alcool propriamente dito, quando os casos o indicam: o que se condêna é o abuso.

A este proposito, são dignos de ponderação os seguintes periodos, insertos numa separata dada a lume pelo saudoso finado Visconde de Coruche, distinto agronomo e subordinada ao titulo *O que é vinho?*

«Tambem acho que não deveriamos deixar passar em julgado a opinião e a propaganda de alguns medicos, felizmente em menor numero, que em geral condemnam o uso do vinho e das bebidas espirituosas. As sciencias medicas estão decerto muito adiantadas, mas não tem dados positivos com auctoridade bastante para decretar em semelhante cousa que repugna á rasão, ao bom senso e á experiencia dos seculos. Não tem sequer dados certos para duvidar das virtudes alimentares, hygienicas, tonicas e salutares do verdadeiro vinho.

O facto de se poder abusar d'essas bebidas, como de qualquer outro alimento solido ou liquido, e d'esse abuso poderem muitas vezes resultar algumas doenças physicas ou moraes, não é motivo para se condemnar o que sempre foi uso e costume apreciavel e normal, e muito menos para se confundir o uso com o abuso, e a temperança com a abstinencia absoluta das bebidas ou das comidas.

Se prevalecessem taes theorias medicas, seriam absurdas as suas consequencias, ficaria a humanidade eternamente á espera da ultima palavra da hygiene e da sciencia medica, e no entretanto eternamente privada de todos os bens incontrastaveis que, desde tempos immemoriaes, o vinho, a melhor e a mais apreciada de todas as bebidas até hoje inventadas, produz, e produziu, provavelmente ha de sempre produzir no corpo e mesmo no espirito da maioria dos homens.

A invenção do vinho, embora não tenha privilegio nem sahio auctor conhecido com marca registada, como certos elixires maravilhosos de varios auctores modernos conhecidos, é incontestavelmente uma invenção humana, das mais hygienicas, salutares e apreciaveis.

O facto de haver quem, como eu, não é grande amador de vinho — do que tenho pena — são excepções á regra geral.

A maioria dos homens feitos, e mesmo das mulheres, quando são normaes e sãos, sempre gostaram e sempre lhes fez bem á saude o vinho verdadeiro, quando d'elle não abusam, embora os gostos sejam tão differentes como os vinhos podem ser, e estes sejam de diversos typos mais ou menos espirituosos, mais ou menos *adamados*.»

Passo agora a transcrever na integra, com a devida venia, a traducção do curioso e palpitante artigo ácêrca do alcoolismo pelo dr. C. Moigné, traducção publicada no n.º 102, correspondente ao mez de janeiro do corrente anno de 1907, da revista *A Saude*:

«Ha bastante tempo que o professor Lancereaux demonstrou o importante papel que o alcool desempenha no desenvolvimento da tuberculose.

A tysica adquirida enxerta-se muitas vezes sobre o alcoolismo.

E' facil averiguar que os povos mais devastados pela tuberculose são precisamente os que consomem mais alcool.

A tuberculose causa grandissimos estragos em França, onde sacrifica annualmente cento e cincoenta mil existencias. No tocante ao consumo do alcool tambem o citado paiz se encontra na primeira linha, com um consumo medio de 14 litros por habitante, ao passo que a mesma media não excede 9,31 na Allemanha e 9,30 em Inglaterra.

Especialisando ainda mais, é facil mostrar que as terras onde a tuberculose produz mais estragos são tambem as que mais alcool consomem.

Eis os numeros confirmativos d'esta asserção:

Em 1898 a cidade de Rouão, com um total de 3:121 obitos, registou 526, devidos á tuberculose. O consumo d'alcool n'esta cidade excede 16 litros por habitante.

Paris com uma media de 1:000 a 1:200 obitos por semana, conta 200 a 250, devidos á tuberculose.

Segundo Barbier, 98 por cento dos tuberculosos assistidos nos hospitaes de Paris são antigos alcoolicos.

O departamento do Sena é, depois do de Calvados, a região da França que tem mais tuberculosos e consome mais alcool: 30 litros por cabeça.

Poderiamos multiplicar os numeros comprovativos de que por toda a parte existe um equilibrio perfeito, uma relação aproximada entre a quantidade d'alcool absorvido e a mortandade tuberculosa.

O alcool, longe de ser um alimento util ao organismo, é um verdadeiro veneno e altamente perigoso.

Notou muito bem o dr. Lancereaux a predisposição dos alcoolicos em contrahir a tuberculose e a gravidade da infecção nos ditos enfermos.

Um grande numero de bebedores morre tysico.

N'estes desgraçados, o alcool comporta-se como um veneno que diminue a resistencia organica e prepara o terreno para receber e deixar germinar o bacillo de Koch.

Convem recordar aqui algumas experiencias que comprovam este modo de ver.

E' sabido que se póde provocar experimentalmente n'alguns animaes, a raiva, o tetano, o car-

bunculo e inocular-lhes depois o sôro curativo para os restabelecer.

Pois bem, se alcoolisarmos previamente esses animaes, não só os sôros deixam de produzir effeito, mas a lesão desenvolve-se com uma rapidez muito maior, o que prova a debilidade organica produzida pelo alcool.

Outro facto:

Um sabio allemão escolheu doze porquinhos da India e separou-os em lotes.

Os seis primeiros foram alimentados em abundancia, aos outros seis, alimentados da mesma fórma foi-lhe acrescentado alcool á sua ração diaria.

No fim de 15 dias d'este regimen inoculou a tuberculose a todos e, emquanto os do primeiro grupo morreram em 34 dias, os do segundo grupo, alcoolisados, tinham morrido todos em 25 dias.

N'outra serie d'experiencias a evolução da tuberculose foi de 25 dias nos animaes não alcoolisados e de 17 dias nos alcoolisados.

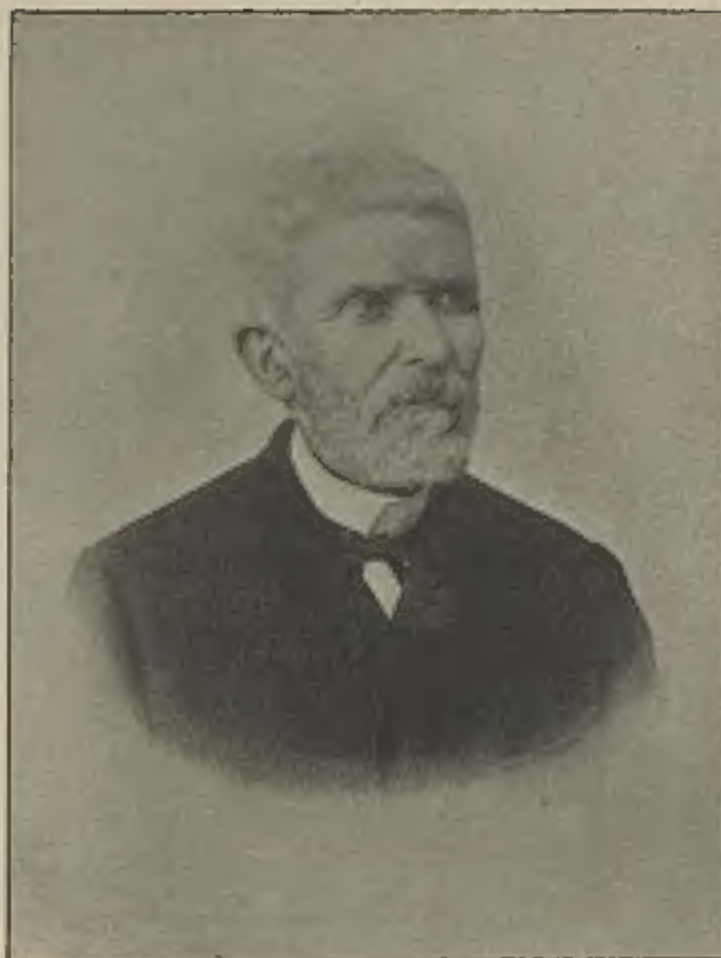
Está comprovado que egual effeito da alcoolisação se produz sobre o homem.

Póde-se talvez objectar que certos bebedores alcoolicos empedernidos teem chegado a edades muito avançadas.

Este facto, aliaz excepcional, nada prova; porque nem todos possuem inicialmente a mesma força de resistencia vital.

Mas quando o bebedor resiste ao alcool, é a sua descendencia que expia quasi sempre as culpas paternas.

Entre numerosos exemplos que poderiamos citar, recordaremos apenas o caso de um homem vigoroso que morreu aos 76 annos sendo alcoolico desde os 36.

Este velho alcoolico teve quatro filhos: — um morreu de meningite aos 9 annos, um de tuberculose aos 46, um morreu bebedo aos 50 annos e finalmente uma filha que morreu aos 47 annos deixando tres filhos: — uma pequena de 11 annos, nervosa e com tic doloroso, um filho que morreu de meningite e outra filha de 22 annos muito padecente de laryngite escrophulosa.

Em resumo os descendentes d'um homem, sobre o qual o alcool não parece ter produzido effeito, morreram na primeira geração 2 tuberculosos (50 %) e na segunda outros dois (66 %).

Outro exemplo que demonstra perfeitamente a influencia do alcoolismo sobre o desenvolvimento da tuberculose é attestado na genealogia d'uma familia de borrachos, representada por quatro gerações.

A primeira está representada por um matrimonio em boas condições sociaes, no qual nada parece ter havido a recriminar com relação ao nascimento de duas filhas.

Uma d'ellas morreu aos 40 annos de loucura furiosa depois de ter levado uma vida dissoluta.

A segunda começou a beber, casou e teve 8 filhos.

N'esta geração dois filhos varões sairam bebedores e cinco filhos, morreram todos tysicos.

A outra filha casou e, depois de ter dado á luz 17 filhos, tornou-se alcoolica e tomadora d'opio.

D'estes 17 filhos, 10 morreram tuberculosos, 1 morreu em consequencia de ter ingerido uma dose excessiva d'opio, tomado em estado de embriaguez, outro suicidou-se e os tres restantes padecem de loucura em differentes gráos.

Esta genealogia mostra claramente a influencia do alcool sobre a producção da tuberculose, tanto no bebedor como nos seus descendentes.

Deve-se notar que os filhos dos alcoolicos são em regra seres debeis, doentios e anemicos; o seu peito é estreito, padecem com frequencia de desvios na columna vertebral. Não são invariavelmente tuberculosos, porém, mercê do nascimento, são uns seres predispostos a tornarem-se tysicos por qualquer cousa.

Terminaremos este artigo com uma estatistica do dr. Jaquet que demonstra até que ponto o alcoolismo dos paes exerce a mais deploravel influencia sobre o valor social dos filhos. Segundo a dita estatistica referente a 100 familias sobrias achamos, do lado são 90 % dos filhos bem constituidos que se tornam homens fortes e vigorosos.

CONSELHEIRO JOSÉ FERREIRA DA CUNHA E SOUSA

COIMBRA — ONDE OS ESTUDANTES FIZERAM PAREDE

(Vide Chronica Occidental)

Do lado dos bebedores não ha mais de 43 a 50 % de filhos que logram viver e entre estes encontram-se idiotas, cretinos, epilepticos.

Não falamos nos fallecidos, victimados na sua maioria pela tuberculose sob differentes fórmas.

Estes numeros, não devem surprehender se tomarmos em conta de que modo se fabricam os licores alcoolicos e sobre tudo que productos tam inverosimeis entram na preparação de certas bebidas.

Conhecemos tabernas em que se offerece um grande copo de aguardente pela modica soma de 10 centimos.

O alcool de inferior qualidade vende se á rasão de 17 francos os 100 litros, ou sejam 17 centimos o litro.

Julgamos inutil insistir no valor ou antes na toxidez de semelhante beberragem.

Interessa nos no entanto recordar aqui um trecho publicado em janeiro passado na *Revista Medica da Normandia* onde se fala de um novo producto susceptivel de produzir pela distillação um alcool summamente barato.

— O alcool extra he-se de quasi todas as materias organicas, mas até agora não se tinha ainda pensado em extra hil-o das *materias fecaes!!*

Pois um industrial acaba de dar a conhecer um processo, graças ao qual se póde obter 80 grammas d'alcool por litro de *materias fecaes.*

Os ensaios officiaes deram 9 litros d'alcool por 100 kilos de materias fecaes.

Este resultado é tanto mais notavel que 100 kilos de batatas não produzem mais que 11 litros d'alcool.

Segundo o periodico que nos communica tal invento, acaba de se fundar em Dresden uma sociedade para a exploração d'este novo processo.

Está calculado que d'uma população de 100:000 habitantes, admittindo apenas o rendimento de 7 % se poderia extrahir 3:300 hectolitros d'alcool, sem falar nos gazes combustiveis que se obteriam, cuja quantidade se elevaria a cerca de 2.000:000 de metros cubicos.

Não fazemos commentario algum respeitante a este novo genero de distillação.

Extrahir alcool das materias fecaes é evidentemente um progresso da chimica moderna; — mas

ENTRADA DA CAVA DE VIRIATO — UMA VISTA DE VIZEU — A CAVA DE VIRIATO
PELAS NOSSAS PROVINCIAS E ILHAS — VIZEU

quando se trata de fazer beber tal alcool já não será o mesmo.

E emfim, haverá ainda quem preconise tal bebida como fortificante!!»

E' significativa esta nota do dr. Bentes Castel-Branco, directôr da revista *A Saude*, acompanhando o artigo que acabo de transcrever:

«Quando fizemos clinica em Monchique fômos impressionados pela quantidade de cretinos e idiotas que observamos no concelho.

Este artigo do dr. Maigné, acorda nos uma explicação plausivel d'esta degradação, no exagerado consumo de aguardente de medrônho que se faz n'esta localidade.»

E' tambem significativa e de não menor interesse para este logar, a seguinte nota, inserta no brilhante estudo do talentoso clinico Luiz Cebola, — *A Mentalidade dos Epilepticos*.

«Echeverria virificou em 476 filhos d'alcoolicos «— 45 % d'epilepticos; e Delasiauve, em 172 — «60 %.»

Em presença d'esta eloquentissima prova de facto, fornecida por algarismos, alguem pretenderá illudir-se com respeito aos efeitos funestos do alcoolismo?!

E não são só efeitos traduzidos por desarranjo das faculdades mentaes: «a par das perturbações do intellecto, conforme afirmou com plena autoridade o dr. A. Lopes Gomes na sua dissertação inaugural *Contra o alcool*, defendida na Escola Medica de Lisboa em 1903, ha as alterações da sensibilidade moral, que Legrain engloba sob o nome de *loucura moral* e no qual abrange as taras seguintes: os maus instinctos, os vicios sob todas as suas formas, a insubordinação, a prostituição precoce, o deboche, o adulterio, as perversões sexuaes (onanismo simples e reciproco, exhibicionismo, pederastia), a exploração da mulher, o roubo e a vagabundagem. Nas manifestações da degenerescencia estão ainda incluidos os actos impulsivos, mais ou menos perigosos (rixas, aggressões, ameaças, rebellião, assassinios, etc).

Isolados, ou coexistindo com a degenerescencia mental, ha as manifestações physicas, os estigmas somaticos. Legrain encontrou nos seus observados, principalmente os seguintes: vicios de conformação craneana, a symetria craneo-facial, estrabismo, omalias dentarias, surdez, surdez-mudez, cegueira congenita, paralysias faciaes, etc.»

Os numeros de virificação nos quadros estatisticos, forçam-nos a estarrecer de espanto, e convertem-se num documento vergonhoso de fraqueza de caráter, num testemunho categorico e irrecusavel de que uma paixão viciosa póde mais no ente racional que os laços do sangue e o amor da familia!

Triste, tristissima e deprimente miseria! importa que os governos se lhe opônham com todos os meios ao seu alcance e urge validár quanto possivel as sociedades de temperança que, nesta lepra social, teem servido com proveito a causa da humanidade.

D. Francisco de Noronha.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VI

Summario

Para o autor defronte do edificio da Escola Polytechnica e propõe-se a estudar a sua historia — A entrada dos jesuitas em Portugal — Benevolo acolhimento de el-rei D. João III — Primeira residencia da companhia — A casa de S. Roque — A palavra persuasiva dos jesuitas — Nasce a idéia de um noviciado — Aprova-a o geral — Vende-se o colegio velho de S.^{to} Antão — Dificuldades da Companhia — Um auxilio inesperado — Fundam o noviciado Fernão Telles de Menezes e sua mulher — Quem era este fidalgo — Suas façanhas na India — Lavra-se a 1.ª escriptura — A quinta da Cotovia — Principia ahi o noviciado — Sua inauguração — Embaraços da companhia na escolha de terreno para a projectada edificação — A quinta de Monte Olivete — Onde era, e qual a razão do seu nome — Determina-se erigir a casa de provação no alto do cêrro — Lança-se a primeira pedra — Imponente ceremonia — Principiam-se as obras — Morre Fernão Telles — Quem foram os dirigentes dos trabalhos; o padre João Delgado e o arquitecto Balthazar Alvares — Vigiam os jesuitas o arquitecto — Esmorece a prosperidade das obras — Principia a faltar o dinheiro — O mausoleu do fundador — E' soccorrida milagrosamente a Companhia de Jesus.

Subida a rua de S. Marçal, onde ficámos no capitulo antecedente, achamo-nos na rua da Escola Polytechnica. Alguns passos mais andados depara-se-nos o edificio magestoso da Escola, construido sobre os restos do colegio dos nobres, onde primitivamente fora a casa do noviciado dos padres jesuitas.

E' desta que vamos tratar.

*

Foi el-rei D. João, o terceiro do nome, que abriu as portas de Portugal á Companhia de Jesus. Fundára-a em 1534 Ignacio de Loyola, espanhol tão cheio de talento como de virtuosa energia, afim de por um dique á reação que as doutrinas de Luthero iam iniciando entre as nações catholicas da Europa, principalmente na Alemanha onde maior numero de sectarios hasteára o pendão da revolta contra o poder da Igreja.

Obtida, sete annos depois da sua fundação, a celebre bulla «Tanginini militantis ecclesiae» em que o Pápa Paulo III sancionava a sua instituição, reconhecendo ao mesmo tempo a autoridade absoluta e ilimitada do geral dos jesuitas, constituiu-se a Companhia com a sua séde em Roma e d'ali começou a bracejar, alargando o seu dominio, fundando institutos — agora na Espanha e em Portugal, logo na Alemanha e nos Paises-Baixos e em breve a todas as nações catholicas e nos demais pontos do mundo que os navegadores peninsulares tinham patenteado aos olhos pávidos da Europa.

Dividiu depois esses dominios em provincias e estas em colegios; distribuiu por categorias, superintendendo nas diferentes divisões, os visitadores, os provinciaes e os reitores, estes obedecendo aquelles que, sujeitos directamente ao governo central, formavam assim um corpo disciplinado e poderoso que por tanto tempo impôz ao mundo a sua vontade e a sua força.

Portugal foi uma dessas provincias e em nenhum outro paiz teve a Companhia mais benevolo acolhimento. O rei piedoso foi dos soberanos catholicos o que mais privilegios lhe deu e mais amorosamente a recebeu no seio da sua patria.

Alem de muitas pensões e beneficios que a munificencia regia largamente lhe dispensou, tiveram os jesuitas casas gratuitas — e o que é mais — a ampla liberdade de enviar alem-mar as suas missões, fundar os seus colegios e dirigir o culto e a instrução em todos os seus dominios.

Foi sob estes risonhos auspicios que, em 1540, a companhia se estabeleceu em terra portuguêsa.

*

A sua primeira residencia fixa foi no chamado Colegioho, por traz da Mouraria, junto á rua das Tendas, casa esta que fundára a rainha D. Leonor, para as freiras da Anunciada.

A casa era acanhada e velhissima. Ahi só residia um ermitão chamado Pedreannes (1). Vencidas depois differentes dificuldades, que Balthazar Telles narra miudamente (2), entraram os jesuitas na posse da ermida de S. Roque em 1563.

Ahi tambem as comodidades não eram muitas. Em derredor da ermida se alojaram os padres em humildes choças e colmados (3) e nesse estreito templo começaram as suas predicas que logo atraiam muita gente, tendo por esse motivo de se fazerem, a um tempo, dois sermões; um dentro da capela e outro cá fora, junto ao portal e á sombra das oliveiras, conforme diz Balthazar Telles dando-nos a nota pitoresca do sitio que, naquelle tempo, era um arrabalde sombreado de arvores, lavado de ventos e onde não raro era verem-se alguns fidalgos, devotos de Santo Huberto, distraindo-se com seus galgos e furões no exercicio da caça.

*

Quis D. João III doar á Companhia edificio condigno, mas engeitado por esta projecto de maior monta, principiou a erigir em 1555 um templo vasto mas de aparencia modesta e uma casa acomodada que ficou sendo o seu solar.

Crescia a fabrica do edificio a pár da sua fama e o povo cada vez mais numeroso corria a S. Roque a ouvir os jesuitas, cuja palavra inspirada e persuasiva ia a pouco e pouco conquistando o seu favor e a sua admiração e ganhando proselitos que acudiam a filiar-se na seita.

Isto que aqui sucedeu, acontecia em geral em todos os paises onde se estabeleceram. O numero dos adeptos engrossava rapidamente. Parece que a companhia nascera já assim forte e poderosa e que entre a infancia e a virilidade não tivera as hesitantes fraquezas da adolescencia que tornam tantas vezes melindrosa a constituição de um caracter e que tantissimas vezes debilitam uma força nascente que rebenta como manancial de virtudes do mais intimo da nossa alma.

*

Na propria casa professa começou em 1553 o noviciado em commum com os padres e ali continuou até 1569 em que os noviços foram transferidos para os colegios da provincia por então lavrar a peste em Lisbôa (4).

Desde esse anno até o de 1587 nada ocorreu digno de memoria com respeito á provação dos noviços. Neste porem, em uma congregação celebrada em S. Roque e presidida pelo Padre Sebastião de Moraes, assentou-se em que era necessario e conveniente fazer o noviciado em casa separada, como convinha á observancia da instituição e á bôa disciplina dos noviços. Foi aceito o alvitre da sua instalação em Santo Antão o Velho, feito por um dos congregados — Tinham-se concluido por esse tempo as obras do colegio novo, para onde os padres se tinham transferido, e a casa estava por isso desimpedida e prompta a recebe-los.

Assente tal resolução, mandou-se solicitar a Roma a indispensavel autorisação do geral da Companhia. Este respondeu consentindo na instalação, mas quando os jesuitas determinaram iniciar o noviciado, o colegio velho, que desde 1542 estava na posse da Companhia, foi inopinadamente vendido aos Gracianos pelo reitor do colegio novo, a despeito da oposição dos de S. Roque.

Havia grande fome em o vender, observa o Padre Antonio Franco, na sua linguagem recheada de bons ditos e melhores conceitos. — Parece-me que o reitor não era partidario da separação dos noviços. Seria pois a venda um estratagema para evitar ou pelo menos para demorar aquella separação?

Fosse o que fosse, o caso é que os jesuitas ficaram desesperados e os noviços sem casa, até que a Providencia, que muito usa de surpresas, lhe preparou soberba residencia, pois tendo corrido a nova das aflicões em que se achavam os padres, acertou ella de chegar até á cidade de Lagos, onde demorava, governando o Algarve como capitão general, Fernão Telles de Menêses, fidalgo da nobilissima casa dos Silvas.

Ao entrar no tablado desta narrativa pessoa de tão primacial importancia e a quem o destino distribuiu o primeiro papel na historia do noviciado da Cotovia, justo é que se abra parentesis especial, analisando, tanto quanto possivel, essa personagem, curioso especime do fidalgo portuguès brigão e devoto, intemerato e fraco ao mesmo tempo, de que os ultimos quarteis do seculo XVI foram tão prodigos para Portugal.

Pedida a devida vénia, entro no assumpto.

(Continúa). G. de Matos Sequeira

ALMA SONORA

(SONETOS E CANÇÕES)

POR

A. Moreira Lopes

Com uma carta a José Sampaio (Bruno), ácerca do auctor, pelo dr. Theophilo Braga

A empresa do *Jornal de Bordados*, n'uma bonita e nitida edição que honra a *Imprensa Nacional*, officina typographica da rua da Picaria, publicou o distincto poeta portuense Moreira Lopes, grande amigo e dilecto discipulo do mallogrado e excellente poeta e bellissimo rapaz Augusto Mesquita, uma serie de *sonetos e canções*, producções de poeta enamorado, proprias para senhoras.

Não devia quem estas linhas escreve arriscar-se a falar da *Alma sonora*, ou antes do auctor de quem se honra de ser amigo, quando o grande mestre Dr. Theophilo Braga, n'uma carta, na que vem como prefacio, n'esse lindo ramalhete de versos, a José Sampaio *(Bruno)*, um dos talentos mais privilegiados do Norte, diz:

«Aqui, de longe, appareceu-me a *Alma sonora* como carta fechada: a alma do poeta está nos seus versos, e lendo os encontra-se a psychose feminina do adolescente na vaga melancholia do desejo, em situações mais imaginadas do que vividas, e nas formas dominantes do lyrismo das revistas ephemeras, de uma technica perfeita que se adquire facilmente.

(1) Lisboa antiga de Julio de Castilho — Volume 1.º paginas 54.

(2) Chronica da companhia de Jesus.

(3) Lisboa antiga citada, volume paginas 52.

(4) Imagem da virtude em o noviciado da companhia de Jesus, na corte de Lisboa, pelo Padre Antonio Franco — Paginas 4.

«Para destacar o poeta d'este meio facticio, que elle admira e imita, faltavam-me traços pessoaes; mas pela carta de *Bruno*, pedindo meia duzia de linhas para servirem de prefacio a este livro, alcanço a nota viva que o realça: — «um rapaz do Porto, democrata de convicção e nascimento, porque saiu das classes populares e se tem feito á custa do proprio estudo, sem mestres e com sacrificios. . .» — Que mais é preciso para a sua glorificação, quando taes palavras são rubricadas por um espirito reflexivo, um alto pensador como o *Bruno*!!. . .»

E após estas sinceras e justas palavras do sr. Theophilo Braga, que mais havemos nós de dizer?

Tem sonetos com o cunho de João de Deus, e de Anacreonte; e bastavam esses sonetos para que Moreira Lopes — que ha annos publicou uma parodia muito graciosa ao *Medico á força*, de Molière, a que intitulou de *Medico forçado*, — fosse bem recebido nas letras patrias.

A. Moreira Lopes

Para fecharmos com chave d'ouro este ligeiro artigo — a acompanhar o retrato de Moreira Lopes, a quem pedimos nos releve a nossa pallida homenagem — transcrevemos tres producções suas para que o leitor, e principalmente a galante leitora, aprecie o valor da *Alma Sonora*:

XVI

As tuas mãos perfumadas
mãos gentis e pequeninas,
tam brancas, tam delicadas,
que, creio, as não tem mais finas
nem os anjos, nem as fadas!

essas tuas mãos mimosas
ha quem, indigno, assevere,
que ferem, e são maldosas!. . .

— Tambem o rosal nos fére,
e delle nascem as rosas. . .

XX

Amor um dia
em seu delirio,
buscou guarida
dentro d'um lirio.
Mal se acolhera
passou Estella,
e foi-se á flôr
para colhel-a.
De dentro olhou-a
o deus Cupido
— todo risonho,
todo florido —
e ao vêr desse atrio
a linda bôcca,
achou no lirio
belleza pouca;
depois, pensando
que era uma rosa,
voou á sua
bôcca formosa. . .

NA MORTE DO AUGUSTO

Já no sepulchro adormecido e tudo
que brandamente a terra me prendia;
almas amigas, crystallino escudo
aos gólpes que a desdita me feria. . .

Fico, ao lembral-o, succumbido e mudo;
e choro o meu passado d'alegria,
onde as vezes da magoa um bote rudo
foi apontado ainda, commovia!

Foi-se-me agora, no final da vida,
o grande amigo — com o qual contava
seguir no mundo a vida colorida. . .

— Amigo, que nem eu sei onde e que para:
no ceu? — estreita e pallida guarida
d'alma tam pura, formosa e rara!. . .

Felicitando A. Moreira Lopes por mais esta sua bonita producção, reiteramos os nossos agradecimentos pela gentileza da offerta dos exemplares da *Alma sonora*.

V-III-CMVII.

Henrique Marques Junior.

Estragos do ultimo temporal em Espinho

A moderna povoação de Espinho, edificada sobre a praia que defronta com o Atlantico, nas proximidades da Villa da Feira e 24 kilometros ao sul da cidade do Porto, tem soffrido nos ultimos annos grande damno produzido pelos temporaes que, levantando o mar em alterosas ondas sobre a praia as aguas crescem impetuosamente e invadem as edificações cavando-lhe a ruina.

E' assim que uma povoação florescente, principiada ha pouco mais de cincoenta annos tem visto derruir as suas edificações, faltando-lhe os alicerces que as aguas vão minando.

Ultimamente o mar invadindo a povoação destruiu as rampas do largo da Senhora da Ajuda e chegou a mais algumas casas que lhe ficavam ao alcance. Correram perigo de ser tambem destruidas outras casas de maior importancia como o edificio da camara municipal, a administração do concelho e mais repartições.

O mar tem arrastado em sua furia as areias da praia e posto a descoberto os alicerces da capela da Senhora da Ajuda. Na baixa mar tem sido encontrados nas areias anneis e moedas antigas.

Como dissemos, data de pouco mais de cincoenta annos esta povoação, pois foi em 1843, que um rico industrial fabricante de papel, José de Sá Couto, fallecido ha poucos annos, ali edificou a primeira casa de pedra e cal, com um andar, vasto e elegante.

Até então Espinho era apenas uma praia de banhos frequentada por familias abastadas da Feira, que ali iam no tempo proprio, para o que mandavam fazer casas de taboado a que chamavam palheiros, á imitação das habitações dos pescadores.

De anno para anno foi augmentando a concorrencia de banhistas, levados pela excellencia dos banhos que ali se tomavam, até que adquiriu fóros de uma das primeiras praias de Portugal onde affluem banhistas de todo o paiz e até de Espanha.

Foi isto que engrandeceu Espinho.

As edificações progrediram, e tornou se uma villa florescente, muito animada na estação balnear, não faltando o Club, hoteis, restaurantes, cafés, bilhares, etc.

O caminho de ferro do Norte tem ali uma estação, o que mais facilita as suas communicações, tanto para os banhistas, como para o seu commercio, pois ha ali fabricas de conservas de peixe, especialmente sardinha que é ótima e rivalisa com a de Nantes.

Em vista das investidas do mar a povoação tem de ir recuando para a terra mais firme, que não lhe falta por onde edificar.

O MEZ METEOROLOGICO

Março, 1907

Barometro. — Maxima altura 770mm,1 em 9.
» Minima » 758mm,7 » 24.
Thermometro — Maxima 23°,0 em 22 e 25.
» Minima 7°,5 » 2.

Dois unicos maximos inferiores a 15° — em 3 (13°,8) e 4 (13°,6).

A temperatura media foi, em geral, elevada: Max 17°,75 em 22 — A media em 21 foi de 17,27 e em 24, de 17,14.

Chuva — 2mm,4 em 3 dias, o mais secco desde a fundação do observatorio.

Nevoa em 1,2 e 20.
Trovões em 23.
Vento dominante — N.
Humidade relativa Max: 90 — Min. 17.
Céu — Limpo ou pouco nublado 14 dias.
» Nublado 17 dias.

NECROLOGIA

Marcelino Berthelot

De avançada edade falleceu no dia 18 de março ultimo, em Paris, o celebre quimico Berthelot a quem esta ciencia deve grande numero de suas recentes descobertas. Com elle desaparece o ultimo dos grandes creadores que imprimiram uma feição moderna ás investigações scientificas do meado do seculo XIX e renovaram assim as esperiencias d'aquelles que meio seculo antes, tinham adquirido justa fama como quasi creadores da quimica. Com efeito Lavoisier, Cuvier, Gay Lussac, Richter e outros foram por assim dizer os arquitectos desta ciencia que mais tarde deveria ter um lato desenvolvimento — Elles construiram os pilares do edificio, e sobre estes, Berthelot e seus contemporaneos a partir de cerca de 1850, completaram esse edificio cujos solidos alicerces lhes foram legados pelos seus antecessores.

Marcelino Berthelot

A *obra* do fecundo homem de ciencia abrange a bagatéla de cerca de 1.200 memorias em 15 volumes, que aqui não podemos reproduzir mas que se acham mencionadas em quasi todas as enciclopédias.

A quimica de Berthelot não era em nada semelhante ás teorias dos alquimistas. Lavoisier creou a analise dos corpos. Berthelot formou a sintese e assim em 1854, fez a sintese das gorduras animaes, em 1855, a do alcool etilico, em 1862, a do acido formico, etc. Na termo-quimica, creou tambem o ilustre homem de ciencia, a par da calorimetria, a mecanica da quimica, a sua fisica, e tanto basta citar para se poder avaliar o grande esforço intelectual que em mais de 50 annos de estudo, fez Berthelot para abrir caminho áquelles que de futuro se quisessem dedicar ao mesmo asunto. Se a quimica de ha 50 annos era uma ciencia quasi desconhecida, hoje, graças a Berthelot (além de outros) é hoje uma ciencia prospera onde todos os dias novas esperiencias demonstram factos novos, sobretudo na parte relativa á quimica organica, parte da ciencia que antes de Berthelot, não existia, porque não tinha rasão de existencia.

Filho de um medico, nascera em Paris em 25 de outubro de 1827, fazendo os seus estudos com Renan, e terminando-os por obter um premio de honra de filosofia n'um concurso. Mais tarde entra, em 1851, no Colegio de França como preparador, e no fim de nove annos é nomeado professor da escola de farmácia, época em que fez as suas primeiras descobertas. Berthelot foi incançavel toda a sua vida publicando ainda no fim do anno de 1906, um tratado pratico da analise dos gazes. A sua ultima nota no Instituto das Ciencias foi de 4 de março ultimo, quinze dias antes da sua morte, sobre o calor de combustão e formação de principios azotados imediatos, desempenhando um papel fisiologico, e o seu ultimo artigo, publicado nos fins de fevereiro, na *Revista dos Dois Mundos*.

A. M.

OS ESTRAGOS DO ULTIMO TEMPORAL EM ESPINHO — ASPÉTOS DAS RUINAS
(De fotografia)

PUBLICAÇÕES

Methodo de Bier — Um interessante e curioso livro d'um homem que trabalha.

Não cabe em meia duzia de linhas noticiosas, a summula de todos os assumptos, do mais alto interesse therapeutico, tratados n'esta obra.

Dirêmos apenas que é um livro devéras curioso em que o seu auctor revela além de entranhado amôr á sua sciencia, excellentes qualidades de estudioso e de investigador e em que demonstra logica e cabalmente, soccorrendo se de diversos auctores abalisados e de outros documentos officiaes, a acção therapeutica do *methodo de Bier*.

O dr. José Antunes dos Santos, que, sem duvida é dos mais distinctos clinicos da capital, foi quem, quando ainda quintanista, mais se dedicou ao estudo da hyperemia, e encontrou brilhantemente n'elle, assumpto para a sua these.

As poucas linhas que ajuntamos a este titulo *Methodo de Bier* são apenas para dar ao illustrado publico, a noticia de que o dr. Antunes dos Santos lançou a lume uma obra que honra o seu nome e a classe a que dignamente pertence. Ao dr. Antunes dos Santos agradecemos a amabilidade da sua dedicatoria e enviamos os nossos parabens.

O Benguella — *semanario noticioso, literario e annunciador — Editor José Tavares — administradores Tavares & C.ª* — Visitou-nos este semanario que ha pouco principiou a publicar-se em Benguella, bem redigido e bem impresso, e que é mais um elemento de progresso das nossas colonias, muito para estimar, pelo desenvolvimento intellectual que traz aquêle novo mundo.

Progresso de Lourenço Marques. — *Natal de 1906.* Numero especial d'este nosso colega de Lourenço Marques, com 12 paginas de bella colaboração literaria, e 16 de annuncios, com uma bonita capa a côres, alusiva ao Nascimento do Menino Jesus.

Esta publicação, feita em Lourenço Marques, denota, principalmente, um apreciavel progresso de tipographia muito para aplaudir, como elemento civilisador, que oxalá se vá estendendo a outras manifestações da actividade humana.